

## ENSAIO

## Sobre poeira e folhas secas

Thiago David Stadler

Eis me aqui falando sobre aquilo que não se gosta de falar: a morte. Há de se concordar que pouco se tem falado sobre ela em nossos dias. Na verdade até parece que a morte deixou de existir. Mas não se engane! Ainda somos mortais e, portanto, a morte nos interessa. No entanto, o que se pode falar da morte? Sejam poucas ou muitas coisas é preciso apressar a conversa, pois quando ela se apresentar, tarde será. Adianto que minhas palavras não possuem a força do consolo ou o alento da tristeza profunda. São apenas pensamentos tão passageiros quanto à poeira e as folhas secas. Poucas reflexões sobre o fim de todos aqueles que nos cercam. Não esquecendo que você também cerca alguém, ou seja, sobre o seu fim também! Afinal, mesmo não concordando com os vaivens da vida um deles se faz claro como o céu azulado: se nascemos, morremos. É justamente no intervalo entre o nascer e o morrer que as pessoas *tendem a viver*. Você pode se espantar quando digo *tendem a viver*, pois parece uma certeza inquestionável que é neste intervalo entre o nascer e o morrer que as pessoas *vivem*. Certos estaríamos se muitos dentre os humanos não jogassem fora este intervalo através da ridícula vontade de simplesmente existir sem entender que existir não é viver. Como nem eu nem você queremos tão somente existir e já está tarde para seguirmos a sugestão de Plínio, o Velho de que o *melhor mesmo seria não nascer*, não nos custa refletir um pouco sobre os planos não planejados que seguem a pleno vapor. Ainda mais você que se dispôs a me oferecer um pouco do seu tempo de vida ao ler o que escrevo!

Os humanos são seres interessantes quando o assunto em questão é o próprio fim, mas tão interessante quanto são as questões criadas pelos humanos para explicar a sua existência. Desse modo, criaram as mais diversas teorias para dar conta da realidade que é vivenciada por todos aqueles que um dia nasceram. Normalmente duas destas opções de se entender a realidade ganham maior espaço: a primeira propõe que o mundo que nos cerca é falho e tem como propósito nos enganar a todo o momento. Aquilo que sentimos através de nossos cinco sentidos – alguns se dizem especiais e outorgam-se o sexto sentido! – é a mais pura deterioração da verdade que se esconde num mundo além do perceptível, do físico. A segunda opção garante que a realidade percebida por nossos sentidos é aquilo que nos importa. Nada de perfeições extramundo, mas as perfeições e imperfeições pertencem ao próprio mundo. A partir destas teorias cada um busca o conforto ou o desconforto na insana tentativa de enganar-se a todo custo. Engano que revela os caminhos que cada humano há de escolher para trilhar até o momento de sua morte. Mas, como se tratam de *enganos*, nada mais comum do que enganar-se na escolha do melhor caminho e, tão logo percebido o engano, desfrutar das novas visões da trilha ao lado. Já nos disse Agostinho de Hipona quando vivo era: *se me engano existo!*

Tomados por esperanças, aflições, amores e ódios os *cadáveres adiados*, como diria o cadavérico Fernando Pessoa, transferem a questão da morte para instituições ou outros indivíduos como se a eles não a pertencesse. É o que chamo aqui de *medo do engano*. É preferível depositar e porque não, culpar o outro, a respeito de um possível engano do que admitir o próprio erro de escolha. Assim, as diversas vozes autorizadas pelos *cadáveres adiados* começam a falar

sobre o assunto comum a todos indicando incontáveis e confusas interpretações para tornar o fato consumado em fato apropriado. Desejosos e armados com belos discursos chegam ao ponto de afirmar que do nada viemos e para o nada voltaremos; ou de que dos céus viemos e para os céus voltaremos; ou de que das forças cósmicas viemos e para as forças cósmicas voltaremos. Até mesmo ritos específicos para todas estas idas e vindas são adaptáveis, pois ora é melhor cobrirmos as terras sagradas com o pó de nossos corpos, ora é melhor *nos* cobrirmos com as mesmas terras sagradas. Animado ou desaforado, um dos dois caminhos terá que tomar! Ou do pó veio e ao pó voltará; ou de carne e osso foi feito e de carne e osso se despedirá.

Espero que você perceba que estamos, praticamente, diante de uma querela ral: se algo tem início deve ter fim; se algo tem início pode não ter fim; se algo não tem início deve ter fim; se algo não tem início não deve ter fim. Contendas da mais alta loucura alguns diriam! Para outros, loucos também, são as noções de eternidade, mortalidade, imortalidade que estão em jogo. Numa palavra: o tempo. Dele falarei mais depois, no tempo certo.

Desculpem-me, mas seja qual for o enigma que irá sombrear o destino de cada um de vocês, nenhum retira o fator *morte* da conversa. Astutos e convincentes, aqueles que propagam as diversas teorias sobre o fim comum a todos, colocaram a morte na concha do ostracismo e se especializaram naquilo que surgiria ou não surgiria morte. Assunto que apenas gera animosidade, esperança, choro e vela, mas no fundo não é um problema para os humanos. Se Sócrates excluiu a Filosofia dos lábios das divindades visto o saber completo que já possuíam, talvez fosse melhor devolver a questão do *depois da*

*morte* para elas, visto ser um tema que apenas a completude pode se apropriar. Seja a completude do nada ou a dos próprios seres divinos. Agora, se há ou não há um *locus mortis* é preciso concordar que este já está feito. O céu, o inferno, o retorno ou o nada já estão postos! Neste ponto não tenho como discordar do finado Norbet Elias quando disse certa vez que *na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos*. A morte é para todos os seres vivos, mas o conhecimento dela é a pedra no sapato para nós humanos. No fundo, o conhecer é o grande problema! Feliz os outros animais que não fazem ideia que podem morrer a qualquer instante e, além disso, não conhecem os diversos caminhos que podem ou não seguir *depois* da morte. Estar ciente de que vai morrer é o estigma que todos os humanos carregam com grande dificuldade.

Eis que então surge um duro paradoxo: o conhecimento da morte cria incontáveis problemas e somente a própria morte resolverá todos estes problemas. Como viver com este dilema tão marcante é o que me pergunto. O vivente Miguel Spinelli jogou com este paradoxo quando disse *o bom da morte é que ela resolve nossos problemas, mas o ruim disso tudo é que nós ficamos sem problemas*. E quem não gosta de um bom problema?! Ainda mais se isto significar estar vivo. Note que de tão desconcertante que é falar sobre a morte que já estou escrevendo a palavra *vivo*. Talvez a melhor maneira para retomar o assunto seja invocar aqueles que tudo sabem sobre a morte: aqueles há quem o tempo já devorou. Então abra os ouvidos para as lições daqueles que insistem em continuar nos expondo o fim: os esqueletos!

Hora ou outra alguns deles nos chamam a atenção para a condição que nos espera - com uma ironia mortal. Conta-se que três esqueletos vendo a preocupação de alguns viventes que andavam pelo

cemitério proferiram ossudas palavras que, juravam eles, era para acalmar os visitantes: *Oh andarilhos! Obrigado pela visita, mas vocês não nos parecem muito confortáveis com este passeio. Rostos preocupados, vozes baixas e duro caminhar. O que tanto os atormenta? Não sabem que a resposta para suas angústias é fácil? Escute nossas sábias palavras: o que hoje vocês são, nós fomos um dia. O que hoje nós somos, vocês um dia serão.* Quem disse que a ironia pertence aos vivos é porque não conheceu estas três caveiras falantes! E o que pensar da inquietante inscrição na Capela de Ossos portuguesa que alerta para uma previsão previsível ou seria sua previsível previsão, a todos os seus visitantes ao lettrar que *nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos.* Curto recado para o apressado viajante que ainda não refletiu que terá um fim semelhante.

Mesmo com todos estes avisos ainda cabe a inquietação: como pensar sobre esta condição que mostra o traço mais embaraçoso da animalidade do humano? O animal que pensa; que das cavernas saiu e alcançou o espaço sideral; que usa joia e roupas tão caras; que é aquilo que *faz*; que se orgulha de suas diferenças em relação aos outros animais; embora no acerto final das contas se mostre tão perecível quanto à poeira e as folhas secas. Alguns preferem pensar a morte apenas como uma passagem para a vida definitiva, como diriam os escritores mortos dos Livros Sagrados. O falecido Agostinho de Hipona reforçou esta ideia quando chamou a todos os homens de *peregrinos entre mundos*. Outros pensam o embaraço da morte como uma declaração de guerra que os vermes impõem ao homem deixando apenas os cabelos na frialdade inorgânica da terra. Belas palavras de Augusto dos Anjos que foi um dos tantos poetas que perdeu esta batalha para os infernais vermes.

Como dito noutra ocasião, independente se existe ou não

outra vida após o fim físico do humano num plano existencial diferente do por nós experimentado, tais perspectivas não acrescentam pontos fundamentais nas discussões sobre o tema principal, qual seja, o da inevitabilidade da morte. Teístas, ateístas e agnósticos morrem todos os dias, eis a beleza da morte! Nela a igualdade é cumprida a risca. Para a morte a crença não é importante, pois morrer não é uma escolha. Volta e meia alguém escolhe a maneira de morrer, mas consumado o fato, no mundo por nós vivido, tudo volta a ser igual. Por isso mesmo que a morte não conhece ideologia e em raros momentos alimenta alguma utopia, pois a sua perfeição é absolutamente realizável. Seja de forma voluntária ou dos mais de mil tipos de mortes sem o consentimento humano, ela se fará ouvida! Algum sábio de rincões longínquos e que com certeza não está mais entre nós certa vez disse *que no final do jogo de xadrez tanto o rei quanto o peão voltam para a mesma caixa* – talvez nem sábio fosse. O que sei é que nem mesmo os vangloriosos franceses um dia sonharam em cantar liberdades, igualdades e fraternidades tão plenas como as Odes cantadas pela boca da morte.

Justamente por não lidar tão bem com a plena liberdade, igualdade e fraternidade o humano não compreende tal benesse. Talvez esta seja uma hipótese que tenta responder a estranha postura do humano em rejeitar – ou seria ignorar? – a completude e a infalibilidade da morte como se assim evitasse o sofrimento antecipado. Ou talvez seja a recusa do humano em aceitar o domínio régio da morte que sustentando toda a materialidade em suas firmes mãos transforma o *tudo* em *nada*. Também pode ser a descrença de que a morte exista até o instante em que ela se faz existir. Nem mesmo o consolo de que a morte existe para todos faz com que o humano se adapte a esta

realidade. Vladimir Nabokov brincava que os outros morrem, mas eu não sou outro; assim, não morrerei. Brincadeira que perdurou por 78 anos! Provavelmente a rejeição que o humano nutre pela ideia da morte seja oriunda do medo de quando tudo for silêncio e de quando os olhos que um dia viram muitas coisas passem a desmanchar-se com o desaparecimento do ser. Ainda mais em nossos tempos em que o silêncio já é evitado no dia a dia. Quanto mais barulho, mais vida, diriam os entusiastas das ilusões! Grandes são as chances de que se o cultivo do silêncio fosse maior em nosso cotidiano ele não assustaria tanto no final das coisas. É preciso dizer mais: a celebração do barulho afasta mais do que o silêncio; afasta o pensamento. E é neste ponto que as fantasias e o temor ganham espaço!

Por mais que você possa pensar – e eu ficaria grato se assim pensasse! – adianto que não estou isento das fortes asas da morte que ao baterem levantam poeira e folhas secas espalhando-as por todos os cantos. Também não busco transformar o processo de decomposição em algo vulgar, facilmente aceito ou mesmo poético, visto que escapa ao humano a passiva aceitação de seu próprio fim. Note que falo do próprio fim, pois o fim do outro é diferente. Tão diferente que até mesmo pensamentos considerados egoístas – ou seriam realistas?! – são nutridos. Quem nunca disse *antes ele do que eu* que atire o primeiro sapato. Bem conversado você até mesmo atiraria este sapato no outro, pois *antes nele do que em mim!* Sendo assim, é possível nutrir sentimentos mais positivos quando se está diante da morte do outro do que quando se está diante do próprio morrer. É verdade que um dos principais sentimentos que ocupa a mente ao ver o outro morrer é o medo de se ficar só – outro exemplo de egoísmo?! – e não o de seguir o mesmo caminho. Ao perceber a morte

do outro a autopercepção do fim parece nublar-se ainda mais. É a astuta característica da negação da própria mortalidade aparecendo até mesmo quando se tem diante de si a prova cabal. Daí o porquê de nunca se experimentar a morte, mas somente as suas sombras, os seus rastros, os seus bocados e poucos avisos. Diga-se de passagem, já é o suficiente para o estrago ser feito!

Veja que o não experimentar a morte oferece apenas conhecimentos de segunda mão àqueles que ficam. E aqui surge um traço intrigante do humano diante do desconhecido. Dou um rápido exemplo: ao responder negativamente perguntas como *você conhece a cidade de Pocitelj? ou conhece a Dona Maida?*, o cidadão não tem nenhum motivo para alimentar medos em relação à cidade ou a pessoa desconhecida. Se ele não conhece absolutamente *nada* sobre tais assuntos seria considerado um louco ao atribuir valores positivos ou negativos sobre *Pocitelj e Dona Maida*. Creio que o traço intrigante do humano já tenha ficado claro: temer o que não se conhece. O falecido Sócrates estava mais do que certo ao afirmar que nada sabemos sobre a morte e temê-la seria tolice ou uma ânsia de nos igualarmos aos deuses. Por que temer o que não se conhece se o que nos é conhecido já é suficientemente receoso? Não há triste destino nem má morte, diria Florbela Espanca. Ao que completo: apenas triste vida e infortúnios. Eis o estranhamento de se temer aquilo que não se conhece tendo tantas vivas verdades para se antipatizar. Tantos problemas criados *pelos e para* os humanos que são capazes de estremecer até mesmo a escura roupa da Morte. Perceba que a própria morte tornou-se um problema criado *pelo e para* o humano. Alguns dizem que este problema é justamente o preço – ou seriam os juros?! – que o humano há de pagar por estar ciente de seu fim, pois

todos os animais morrem, mas apenas um chora diante dos tristes versos da morte e relutantemente diz *eu vou morrer*.

*Eu vou morrer*. Dura frase para ser dita a toa, mas perceba que a proferimos várias vezes no cotidiano: *eu morro de vergonha; morro de canseira; vou morrer de fome; morro de frio ou morro de calor*. Evidentemente fala-se qualquer uma destas expressões com a intenção do extremo. Creio que é unânime que estar com fome é pouco se comparado a estar *morrendo de fome*. Por isso, nada mais extremado do que comparar um fato do dia-a-dia com a percepção da morte. A pessoa que profere tais palavras não irá morrer de fome, pois se assim fosse acontecer não teria forças para anunciar. Simplesmente morreria. Diz-se, sabiamente, que a fome e o cansaço em suas faces mortais se quer são passíveis de expressão. Justamente ao pensar sobre estas hipérboles surgiu um problema verdadeiro que deve ser enfrentado por todos. Adianto de que muitos não gostarão de enfrentar tal problema, pois ainda possuem o constrangimento como condutor de suas vidas. Mas eu, diferentemente de Sísifo, não tentarei enganar as divindades nem mesmo a morte, embora à vontade hora ou outra exista! Talvez o que me impeça de tentar enganar a morte seja a preguiça de rolar uma grande pedra até o alto de uma montanha e vê-la rolar para baixo repetidas e repetidas vezes. A morte é o momento de repouso e não de esforços em vão!

Mas de que problema falava-se anteriormente? Como não se pode vencer o invencível eis que me pergunto: Morte rouca ou louca e se hoje fosse o dia em que cessaria a minha existência? O que eu pensaria?

Nenhum traço de ingenuidade ou de tragédia marca esta pergunta. Somente o exercício de um pensamento que se depara

com uma das faces mais reais da chamada realidade. A pergunta não é levada a sério por aqueles que contaminados pela postura adotada por muitos indivíduos dos dias de hoje, qual seja, o júbilo das inverdades e o gradual afastamento das questões existenciais, não compreendem que cabe somente ao homem pensar sobre a própria finitude. Novamente digo que assumir a morte como partícipe de nossas decisões e vivências não é vulgarizá-la, mas integrá-la aos nossos planejamentos de vida. Então porque não se faz isto com a naturalidade que o assunto pede? Em nossos dias, alguns culpam a escravidão tecnológica que com suas algemas virtuais aprisionou o homem num mundo em que tudo se reinicia com a naturalidade que não é comum à vida do humano. O *poder fazer de novo* retirou a noção de finitude substituindo-a pela ideia do imediato retorno. É possível repetir uma ação por mil vezes sem nenhum esforço. Ou pior, é possível ressuscitar um personagem quantas vezes forem necessárias para levá-lo longe da aurora da inexistência.

Não se tratam de inocentes palavras contra os braços potentes da tecnologia, mas de provocações que levem à reflexão da finitude da vida humana. Ou você pode ignorar o papel formador e formatador dos meios tecnológicos nos dias de hoje? Papel que ganha ainda mais celulose numa sociedade acostumada a celebrar todas as coisas que mais se afastam das verdades: a riqueza, o poder, o status, a beleza, o imediato, o ver e o ser visto. Aqui, é claro, retomo a questão filosófica do início de meu texto: as verdades estão disponíveis ao contato sensitivo ou acessíveis apenas pelo exercício do pensamento? Se Shakespeare estivesse vivo talvez evocasse o seu verso hamletiano *Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo; pois quando livres do tumulto da existência, no repouso da morte o sonho que tenhamos deve*



*fazer-nos hesitar: eis a suspeita que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios. Sonhar, existir, morrer, aparências e verdades! Quantos problemas para quem está em seu último dia de vida. Serão apenas as poeiras e as folhas secas que carregam as verdades que o homem não consegue ver nem sentir? Sem alcançar respostas sigo com minhas reflexões finais, pois pouco tempo me resta e será mais nobre em nosso espírito sofrer pedras e flechas ou insurgir-nos contra um mar de provocações?!*

De mãos dadas à noção do *poder fazer de novo* o culto à juventude também retira quaisquer sentidos de minha provocação sobre o cessar da existência. Em tempos longínquos que nem mesmo *Mnemosyne* há de se lembrar não se queria morrer jovem – a não ser se você fosse um herói destemido e egocêntrico! Vontade de viver absolutamente compreensível, pois o fechar das cortinas é esperado para àqueles com o rosto cheio de rugas, cabelos brancos e todos os signos da decadência. Feliz era aquele que morria trajado com as marcas da velhice! Eis que nos dias de hoje um paradoxo se apresenta: continua-se sem querer a morte em branda idade, mas, ao contrário do que os felizes mortos de antigamente almejavam, se quer morrer com a meiga pele virginal. Retiram-se as rugas e as marcas da idade, pintam-se os cabelos, modificam-se os traços de nascimento. Como se assim falassem à Senhora do Fim: *Condenado estou, mas não me devorarás como um velho decaído. Oh, Morte! Olhes para meu rosto e veja que engano cometerás. Não reconheces em mim aquele jovem que um dia fui?* Tenta-se convencer até mesmo a morte com fracas verdades e vil artimanhas. Agora, feliz é aquele que morre velho parecendo um jovem embalsamado. O já morto Scott Fitzgerald não acreditaria que um dia seu conto *The Curious Case of Benjamin Button* se tornaria

quase realidade: é verdade que ainda não se nasce velho, mas se morre com rosto de bebê. É certo de que a imortalidade não se mostra no horizonte humano, mas já se ouvem hinos de louvor à filha legítima de Zeus e Hera, a deusa Hebe. Viva a eterna juventude.

*Ledo engano*, diriam os deuses dotados da verdadeira eternidade. Embora os humanos pudessem responder que a eternidade dos deuses advém, em grande medida, dos próprios homens. Quem nunca se sentiu provocado com o questionamento *são os deuses que precisam dos homens ou os homens que precisam dos deuses?* Até mesmo o genial Michelangelo deixou suas dúvidas no memorável apontar de dedos entre Deus e Adão. Quem criou quem? Quem precisa de quem? Questões que atingem tanto a vida quanto os sonhos. Daí minha preferência pelas feridas de uma vida vivida à pele alva de uma vida sonhada ou fingida. No sonho não morro e no menor sinal de quaisquer sofrimentos basta o abrir dos olhos para que tudo desapareça. Já na vida vivida a regra é outra: se abrires os olhos, verás e morrerás. Eis de se acostumar! E neste jogo os deuses aplaudirão ou vaiarão o seu desempenho.

Creio que já foi possível perceber que o humano se acostuma com tantas coisas, mas com a naturalidade da morte não. Deuses, beleza, riquezas, tristezas e todos os signos possíveis de aceitação e negação da morte são citados. Contudo, não há como evitar os passos largos do tempo que levantam poeira e folhas secas por onde passam. O tempo com fome voraz e permanente insaciedade a tudo engole. Cinco, dez, quinze ou trinta anos. Apenas marcações que iludem com números crescentes até atingir o maior decrescente. Independe em qual número estará, pois todos serão retirados com um só golpe. Aí entram os meus 30 anos ainda em forma crescente, mas com a

inquietação que lá atrás ousei levantar – *e se hoje fosse o último dia?*

Está claro para mim que este punhado de anos não foi o suficiente para cumprir com todos os planos de uma vida pensada sem as devidas considerações do inevitável fim. Esta falta de reflexão sobre o cessar da existência material é o retrato do erro mais comum entre os humanos: vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido. Novamente constroem-se artifícios para enganar a morte: signos, símbolos, metas para que a percepção da mortalidade ganhe marcas de renovação. A cada ciclo cumprido uma nova Fênix ressurge. Calva, com rugas e esbranquiçada, visivelmente ultrajada pelo tempo e derrotada desde a sua tenra criação, mas conservando a fagulha do fogo acesa.

Destes ciclos que o humano cria para deixar mais dinâmica esta vida com prazo de validade, diz-se que antes de se chegar ao fim da existência deve-se plantar uma árvore, escrever um livro e conceber um filho. Todos os signos que devem ocupar o lugar que antes fora ocupado por aquele que não mais estará aqui. Se assim fosse, como você ficaria? De minha parte breves palavras tenho a dizer: um lindo ipê amarelo foi plantado num longínquo jardim, mas tal ação não teve o aval da consciência de um fim, somente legitimou o registro de mais um Dia da Árvore dentre tantos outros que viriam. O livro foi escrito e partilha as estantes com outros nomes que um dia por aqui também passaram, mas assim como no caso da árvore a percepção do fim não estava presente quando fora escrito. Mesmo se consciente estivesse que através da árvore ou através do livro eu voltaria triunfante nos lábios da humanidade não me permito tantos enganos, pois nem mesmo as folhas secas das árvores sobreviverão aos ventos do tempo e também os empoeirados livros serão ocultados por tantos outros

nomes que desejam desesperadamente sobreviver neste mundo sem memória. Ei de concordar comigo: quão ínfima ficaria a percepção da vida se esta estivesse limitada às coisas materiais tão mortais como o eu. Ah sim, do filho, não falarei. A morte não mereceria ouvir os meus planos sobre um dos traços de máxima dignidade do estar vivo. Poderia levar-me tudo, mas deste assunto só terias o silêncio e a frieza que já me reservaste na profundidade da terra.

Fora a árvore, o livro e o filho o que mais passaria em minha imaginativa cabeça de condenado? Um condenado de grande sorte, pois a lucidez ainda se faria presente. Ironia...alguma ainda resta neste momento de reflexão final? Talvez uma ironia acompanhe a cabeça de todos que chegam conscientes ao momento final: quer maior deboche do que pertencer a um grupo de animais falantes e risonhos que de tudo falam e riem, mas não sabem quem são, de onde vieram e para onde irão? Questionamentos que se aproximam das boas e velhas piadas longas que antes mesmo de terminá-las todos já sabem o seu fim. Só não o entendem, pois saber o fim não é saber para onde ir. Eis o resultado: vive-se numa charada em que várias respostas são dadas, mas nenhuma contenta a aritmética dos coveiros, diria Augusto dos Anjos. E quando, em seu esplendor, o fio da foice brilha no rosto esperançoso do jovem ou na funesta face ascética do velho nem mesmo um sorriso retira desta vida de ironias. Tantas boas charadas, mas nenhuma boa risada. À merda aqueles heróis que olhavam a face da morte e riam. Aposto que no fundo de suas calças ficava a verdadeira marca do riso. Na morte não há alegria. Na morte não há beleza. Na morte não há poesia. Não morte não *há*.

Talvez o caminho seja o de buscar no viver a beleza que se prolonga até a certeza do morrer. Caminho que cada vez fica mais

pesado com o acúmulo dos passados e mais leve com a falta dos futuros. Então o belo estaria em tudo o que se foi e no pouco que se há? Tal assertiva seria uma mera vantagem para aqueles que adornam suas cabeças com fios brancos. Um reconforto para o pouco futuro que lhes aguarda. Além, é claro, de uma confusão entre o tempo que se vive e o tempo que se existe. Alguns fortes jovens muitos deixam amigos e amores em pouco tempo de existência e muito de vivência. Tantos outros velhos que nas planícies existiram por longos anos deixam poucas lágrimas e sorrisos graças a pouca vivência.

A verdade é que se hoje fosse meu último dia de existência olharia espantado para a morte e com a boca seca daria meu último sorriso - não para a morte, mas para mim mesmo - com a lembrança de Homero dizendo *Eia, meu amigo, morre tu também! Por que lamentas a sorte? Também morreu Pátroclos, que valia muito mais que tu!* Sem a soberba postura de um sábio estoico que fecha os olhos e morre calmamente eu os fecharia para reviver o velho ensinamento: se boa vida teve boa morte terás. Sem a perplexidade dos problemas éticos que me faria questionar o caminho de minha vida dedicaria meus últimos instantes ao desprendimento. A angústia da incerteza do da única certeza não mais me prenderia, assim como, o medo de ter ciência do exato fim não seria mais um problema. O fim é agora, diria eu. Quando fosse chegada a hora quebrar-se-ia o encanto do viver e do morrer sem pensar na tristeza ou na alegria. Apenas o desprendimento ditaria o próximo comando!

No fundo, o humano não teme o cessar da existência, mas teme o *tempo*. Tanto a falta quanto o excesso de tempo. Vendo desta maneira a morte nada mais é do que um paradoxo temporal: se de um lado acaba com a noção de tempo que seguimos enquanto vivemos, do

outro lado ela descortina o tempo dos deuses e do nada, a eternidade. Silenciosa ou festiva, sonhada ou negada. Fato é que tantas são as vozes que ouvimos, mas apenas um destino sabido para todas. Reis e peões ao findar o jogo de xadrez retornam à mesma caixa lado a lado. Ou seja, aqui nem você nem eu ficaremos. Nem mesmo as folhas secas e poeiras.

Ainda aceita um galo, Asclépio?

---

**Thiago David Stadler** (PR), historiador e professor. Doutor em História pela UFPR> Publicou: O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.); Escritos de Filosofia e Política (org.). É professor do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná